

DISPONIBILIDADES ALIMENTARES NA UNIÃO EUROPEIA (15) DE 1961 A 2000

Durão CRG^I, Oliveira JFS^{II}, de Almeida MDV^{III}

^I Mestre em Tecnologia e Qualidade Alimentar pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa; Assistente Convidada do Curso de Ciências da Nutrição da Universidade Atlântica.

^{II} Professor Catedrático Jubilado, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa.

^{III} Professora Catedrática Faculdade de Ciências da Nutrição e Alimentação da Universidade do Porto.

Resumo

Analisámos as disponibilidades alimentares da União Europeia dos 15 (UE15) em quatro décadas, assim como as captações diárias de energia, lípidos, proteínas, etanol e glúcidos. A maioria dos grupos de alimentos apresentam uma tendência de crescimento na UE15 em geral. Excepção a esta regra são os cereais e as raízes e tubérculos que apresentam uma tendência geral de decréscimo na maioria, mas não na totalidade, dos Estados Membros.

De forma geral, estabeleceu-se a existência de correlação na evolução das disponibilidades dos países Nórdicos, assim como entre os países do Sul da Europa. Para os restantes Países observou-se a existência de correlação entre os países Centro-Europeus, verificando-se que os países situados mais a Norte, apresentam maiores correlações com os países Nórdicos.

Verificámos um aumento das captações diárias de energia total, de energia de origem animal, de energia de origem vegetal e de proteína de origem animal, a par da diminuição das captações de energia fornecida por glúcidos.

Na década de 90, nenhum dos países da UE15 respeitava as recomendações nutricionais referentes a glúcidos e a lípidos. Quanto às proteínas, todos os Estados Membros se encontravam, na década de 90 dentro dos limites apontados como desejáveis.

Em matéria de etanol, na década de 90, a maioria da UE15 não respeita os limites máximos diários recomendados para o sexo feminino.

Na última década estudada, Portugal é um dos maiores consumidores aparentes de cereais, raízes e tubérculos, produtos hortícolas, fruta, leguminosas secas e pescado, estando entre os menores consumidores aparentes de carnes, ovos, leite e gorduras animais. Para além disso, é o país com menores captações diárias de lípidos e com maiores captações diárias de glúcidos.

Abstract

The food availability data in the European Union (UE15) between 1960 and 2000 was analysed. Since the 60's, there was a substantial increase in the availabilities of most food groups. The exceptions were cereals and potatoes and tubercles, which availability decreased in almost, but not all, the UE15.

These four decades witnessed an increase in the daily per capita availability of total energy, energy from animal and vegetable sources, protein from animal sources. Meanwhile there was a decrease in the daily per capita availability of energy derived from carbohydrates.

In the 90's, none of the Member States complied with the nutrition recommendations for carbohydrates and lipids and most Member States, did not comply with ethanol's recommended limits.

In the 90's, Portugal was among the countries with the largest availabilities of cereals, potatoes and tubers, vegetables, fruit, legumes, fish, while it was among the countries with the lowest availabilities in meats, eggs, milk and animal fats. Furthermore, Portugal is the country with the lowest per capita availability of lipids, as well as the largest in the availability of carbohydrates.

INTRODUÇÃO

Actualmente, as principais causas de morbidade e mortalidade das sociedades desenvolvidas ou em desenvolvimento estão relacionadas com situações de abundância alimentar. Na Europa, de uma forma geral, as doenças da abundância assumem particular importância, sendo as doenças cardiovasculares a

principal causa de morte, existindo também uma prevalência e incidência cada vez maiores de diabetes mellitus, obesidade, hipertensão arterial e neoplasias malignas^{1,2,3,4}.

Na União Europeia (UE) estas situações de doença são partilhadas por muitos Estados Membros e justificam uma preocupação séria para a saúde pública da população da UE.

Estas patologias estão, entre outros factores de risco, intimamente relacionadas com alimentação, a nutrição e as restantes componentes do estilo de vida. A relação entre alimentação, nutrição e estilo de vida com estas patologias tem sido sobejamente investigada, sendo consensual a noção de que estes factores contribuem para o risco de desenvolvimento das doenças da abundância⁵.

Nem sempre esta situação afectou todos os Estados Membros da mesma forma. Tradicionalmente, os países do Sul da Europa, apresentavam das mais baixas taxas de doenças crónicas em todo o mundo, tendo-se relacionado com padrões alimentares e de estilo de vida⁶.

À luz destes conhecimentos, uma política nutricional europeia é há muito referida e discutida como essencial⁷. É importante que tal política respeite as tradições culturais da sociedade a que destina, de modo que numa UE cada vez mais extensa e diversa seja desejável uma implementação adaptada a cada Estado Membro, uma vez que, embora seja inegável que diversas políticas comuns influenciam a alimentação e nutrição, estas questões continuam a apresentar um considerável carácter nacional.

Portugal não escapa a esta lógica, havendo a necessidade, expressa repetidamente e desde longa data^{8,9,10,11,12,13,14,15}, de implementar uma política nutricional nacional. Tal política deverá ser adaptada à nossa realidade alimentar, nutricional e de saúde, assim como à sua tradição alimentar, uma vez que apresenta, a par de outros países do Sul da Europa, disponibilidades alimentares bem diversas das verificadas no Centro e Norte Europeus.

Neste trabalho tratamos apenas da UE15, numa análise evolutiva das disponibilidades alimentares e nutricionais em quatro décadas (1961-2000).

OBJECTIVO

Foi objectivo deste trabalho, analisar a evolução das disponibilidades alimentares na UE15 entre 1961 e 2000. Pretendeu-se ainda analisar a evolução da situação nutricional aparente em todos os Estados Membros da UE15, para o mesmo período de tempo.

MATERIAL E MÉTODOS

Como é sobejamente conhecido, os dados fornecidos pelas balanças alimentares permitem-nos avaliar apenas disponibilidades alimentares, não fornecendo dados sobre consumo real ou sobre hábitos e padrões alimentares. Contudo, constituem, muitas vezes, a única fonte a que podemos recorrer com o fim de fazer a análise da situação alimentar de determinado país¹⁶. Apesar das inúmeras limitações que sabemos existirem na utilização deste tipo de instrumento, pretendeu-se realizar uma análise comparativa entre os 15 países que constituíram, até recentemente, a UE.

Pretendemos situar Portugal no quadro alimentar da EU (15), através da análise comparativa das balanças alimentares de cada um dos seus Estados Membros, nomeadamente: Alemanha (AL), Áustria (AUS), Bélgica e Luxemburgo – cujos dados da FAO são fornecidos em conjunto – (BEL-LUX), Dinamarca (DIN), Espanha (ESP), Finlândia (FIN), França (FRA), Grécia (GRE), Holanda (HOI), Irlanda (IRL), Itália (ITA), Portugal (POR), Reino Unido (RU) e Suécia (SUE).

Para esse fim, utilizaram-se os dados fornecidos pelas balanças alimentares da Food and Agricultural Organization (FAO)¹⁷. Estas balanças alimentares fornecem-nos informação sobre 90 géneros alimentícios, tendo-se procedido ao seu agrupamento em 17 grupos de alimentos.

Optámos por apenas apresentar resultados referentes a 13 grupos de alimentos, nomeadamente: cereais e arroz (CFR), raízes e tubérculos (RAIZ), leguminosas secas (LEG), açúcar, mel e adoçantes (AÇÚC), produtos hortícolas (HORT), fruta (FRUT), carnes e miudezas (CAR), pescado (PESC), ovos (OVO), leite e derivados – excluindo manteiga e natas (LEIT) óleos vegetais e azeite (OLEAZ), gorduras de origem animal (GORDAN) e bebidas alcoólicas (BEBALC). Assim, em benefício de uma maior simplicidade, mas também porque quatro grupos de alimentos apresentam um peso consideravelmente menos significativo nas disponibilidades alimentares, optámos por não apresentar os resultados referentes a: “bebidas estimulantes”, “especiarias”, “oleaginosas” e “outros alimentos”.

A primeira avaliação realizada, diz respeito às disponibilidades alimentares de cada grupo de alimentos, numa análise meramente comparativa entre todos os Estados Membros da UE15. Os dados correspondem às capitações das disponibilidades alimentares anuais (média de cada década) de determinado grupo alimentar para todos os países. Numa segunda fase analisou-se a tendência evolutiva verificada para cada um desses grupos em cada Estado Membro.

Em ambas as análises, optámos por não utilizar o ano de 2001, estando os resultados apresentados nas seguintes quatro décadas: 1961-1970 (Déc. 60), 1971-1980 (Déc. 70), 1981-1990 (Déc. 80) e 1991-2000 (Déc. 90).

Para além destas análises, e com o fim de determinar uma eventual relação na evolução das disponibilidades alimentares entre os vários Estados Membros, foram determinadas as correlações existentes para cada grupo de alimentos entre todos os países. Para esse efeito, com o objectivo de obter séries comparáveis tão longas quanto possível, optámos por utilizar os dados de todos os anos disponíveis aquando da realização deste estudo, de 1961 a 2001, inclusivé.

Apresentamos ainda a evolução da situação nutricional aparente da UE15, durante as mesmas quatro décadas. Analisaram-se os dados das capitações diárias de energia total, bem como a sua origem (vegetal, animal ou proveniente de etanol).

Para além disso, apresentam-se ainda os resultados referentes às capitações diárias de lípidos e de proteínas, assim como as respectivas proveniências (vegetal ou animal).

Por fim, uma vez que as balanças da FAO não incluem os dados relativos às capitações diárias de glúcidos, procedeu-se ao seu cálculo, por defeito. Para este efeito, utilizámos os coeficientes de Atwater, considerando que cada grama de lípidos fornece 9 quilocalorias (Kcal), cada grama de proteínas 4 Kcal e cada grama de glúcidos 4 Kcal^{6,18}.

Foi ainda necessário efectuar o cálculo das capitações diárias em gramas etanol, de modo a determinar os maiores consumidores deste composto. Para tal, utilizámos também o coeficiente de Atwater, considerando que cada grama de etanol fornece 7 Kcal¹⁸.

O cálculo das capitações diárias de etanol destinou-se sobretudo a distinguir o consumo aparente deste composto do consumo aparente de bebidas alcoólicas, uma vez que, dependendo da fonte, as quantidades de etanol podem dar origem a conclusões diversas das que se podem obter através das disponibilidades alimentares de bebidas alcoólicas.

Por fim, calcularam-se também as participações de cada um dos nutrientes energéticos (glúcidos, lípidos, proteínas) e de etanol no valor energético total diário (VET) fornecido pela alimentação.

Mais uma vez, tal como para as disponibilidades alimentares anuais, com o fim de facilitar a apresentação dos resultados, optámos por apresentá-los em quatro décadas, de modo que os resultados se referem às médias de cada década.

RESULTADOS

Disponibilidades alimentares na UE15

As disponibilidades alimentares médias por década podem ser consultadas no quadro nº 1.

Quadro 1 – Disponibilidades Alimentares Médias (Kg/Per Capita/Ano).

DÉC 60	AL	AUS	BEL-LUX	DIII	ESP	FIIL	FRA	GRE	HOL	IRL	ITA	POR	RU	SUE
CER*	99,91	125,86	106,86	91,25	128,85	114,35	116,22	159,82	86,55	136,78	179,54	135,71	103,54	81,34
RAIZ	124,82	77,03	123,83	102,62	111,44	109,38	104,41	41,83	94,30	132,06	47,47	101,20	101,55	93,26
LEG	1,38	0,84	2,51	0,04	8,41	1,12	2,38	7,86	2,29	2,45	5,59	7,12	3,36	1,07
AÇUC	36,19	40,61	33,92	52,76	24,77	44,53	35,19	18,39	48,93	53,73	27,58	21,25	49,49	45,27
HORT	53,66	70,15	90,99	41,97	152,77	18,04	142,09	180,17	80,17	39,84	149,81	118,49	68,61	36,53
FRUT**	99,73	121,07	67,83	64,47	66,82	46,26	79,17	139,68	79,75	47,42	118,99	81,60	59,65	76,32
CAR	73,71	74,80	72,59	57,07	35,85	42,85	89,21	36,89	56,71	74,83	44,78	27,72	75,53	54,55
PESC	10,99	9,05	17,32	19,27	28,60	19,99	20,40	19,73	12,53	10,36	14,80	69,57	21,22	27,04
OVO	13,51	13,58	13,54	12,12	10,45	8,76	11,20	8,30	12,61	12,91	9,61	3,37	14,79	11,46
LEITE***	176,99	218,63	179,84	214,33	101,32	341,37	225,05	135,50	285,77	301,35	161,95	67,78	231,16	279,67
OL E AZ	11,21	10,40	14,65	11,59	15,50	4,23	9,08	18,13	16,81	5,13	16,10	13,11	8,20	14,47
GORD AN	19,66	20,29	21,35	31,63	1,78	22,59	11,46	1,79	13,84	17,91	4,03	3,32	19,46	17,18
BEB ALC	128,49	130,26	134,19	94,85	85,39	37,36	175,29	40,28	45,45	70,61	121,12	97,26	97,90	54,12
DÉC. 70														
CER*	96,37	101,00	103,03	82,50	108,14	95,28	98,51	156,55	79,70	125,68	181,45	131,11	94,51	79,47
RAIZ	102,19	61,57	105,97	79,66	114,19	89,68	86,24	63,02	85,45	125,40	39,32	102,13	98,94	82,03
LEG	1,02	0,89	3,05	0,16	7,31	1,08	2,01	6,80	2,07	2,59	4,07	6,44	3,14	0,84
AÇUC	41,86	42,45	36,07	50,56	31,62	43,86	39,43	29,44	46,93	53,30	33,01	27,24	45,35	45,61
HORT	65,23	79,35	91,56	49,80	170,15	27,28	116,56	240,88	77,03	62,47	157,61	129,38	76,78	42,61
FRUT**	111,26	118,45	77,18	66,25	93,05	73,62	72,30	122,21	93,24	53,35	119,18	66,66	59,11	86,98
CAR	92,78	90,78	92,18	67,44	80,48	57,42	103,45	82,94	71,57	90,15	87,76	44,85	74,95	60,72
PESC	12,66	8,28	17,79	23,76	33,01	27,02	22,81	16,32	11,98	14,24	15,18	44,22	17,79	30,60
OVO	16,85	14,14	13,10	12,00	14,16	10,53	13,15	10,97	11,31	10,69	11,43	4,25	14,44	12,22
LEITE***	185,24	231,43	179,16	205,06	145,76	333,34	244,85	189,14	299,62	320,66	212,50	79,64	226,22	341,16
OL E AZ	11,65	13,33	14,66	11,20	18,98	7,16	10,93	23,39	17,88	8,69	20,37	16,32	8,72	15,87
GORD AN	19,89	19,28	23,87	28,85	2,43	20,69	13,09	1,75	12,27	17,54	6,27	4,22	18,33	15,24
BEB ALC	168,12	145,39	155,06	142,10	108,16	64,84	166,31	42,85	92,42	92,63	118,33	122,83	124,99	71,45
DÉC 80														
CER*	96,08	88,72	104,58	91,30	103,14	95,58	109,17	151,28	76,06	131,14	160,73	126,79	92,21	83,16
RAIZ	91,54	61,57	102,92	76,54	105,76	83,66	74,20	74,54	92,08	130,24	40,04	114,27	106,08	71,37
LEG	1,20	1,06	2,76	0,97	5,61	1,12	1,95	5,26	2,90	2,83	4,02	4,79	4,11	1,24
AÇUC	43,14	42,16	40,53	45,97	27,97	37,35	35,51	33,96	44,74	44,28	30,23	27,43	42,35	44,50
HORT	74,63	75,03	91,82	74,52	175,47	46,55	119,76	264,68	76,79	69,44	173,14	138,62	83,13	55,87
FRUT**	115,45	133,67	95,59	66,21	109,18	76,71	76,21	158,66	111,66	66,68	125,32	70,35	69,11	87,18
CAR	102,33	103,68	98,89	89,00	85,17	64,85	108,58	74,90	79,99	99,96	83,98	52,98	75,21	61,70
PESC	13,25	8,63	18,84	26,68	34,44	32,69	27,42	18,09	12,80	16,97	20,23	49,82	18,49	29,62
OVO	16,35	14,03	12,79	14,52	16,03	10,72	15,11	11,49	12,90	10,53	11,77	5,99	11,88	13,23
LEITE***	223,48	252,68	201,67	216,30	163,32	329,24	280,71	214,70	317,82	297,03	264,18	112,79	231,18	366,27
OL E AZ	12,56	16,21	17,71	8,85	23,26	7,55	15,57	25,35	17,66	14,16	23,45	17,25	12,05	14,91
GORD AN	20,62	21,01	27,11	23,89	3,39	17,35	15,54	2,63	13,23	18,69	9,19	6,21	13,57	16,19
BEB ALC	176,41	156,40	151,05	150,17	112,94	79,02	135,87	62,75	105,67	92,92	96,07	125,56	124,80	68,43
DÉC. 90														
CER*	95,13	99,92	104,04	108,81	101,11	99,78	111,13	149,56	72,17	130,46	157,13	127,65	98,12	96,27
RAIZ	79,25	63,37	108,13	77,76	90,44	89,02	70,51	72,81	88,92	127,04	40,63	125,78	109,54	61,51
LEG	1,44	0,83	2,46	0,96	5,84	1,42	2,12	5,26	2,99	2,49	5,52	4,69	5,52	1,44
AÇUC	42,97	46,06	47,78	50,32	30,55	40,23	38,51	31,58	50,03	44,02	30,90	32,54	38,50	45,51
HORT	74,78	88,96	126,23	90,26	163,07	65,56	127,23	277,01	80,32	76,23	177,77	169,85	84,35	68,59
FRUT**	125,75	133,04	130,15	82,39	119,56	76,18	91,47	168,78	140,61	70,11	135,62	118,06	82,17	92,80
CAR	90,09	108,42	93,84	105,71	108,63	64,72	107,98	82,72	92,39	107,96	90,59	83,39	76,64	67,38
PESC	14,93	13,51	20,54	26,19	41,33	33,98	30,76	24,74	16,44	17,10	23,89	63,31	20,92	29,87
OVO	12,61	13,42	13,43	15,08	14,71	10,01	15,42	10,27	15,09	8,00	12,46	9,07	9,87	11,95
LEITE***	233,92	272,01	213,58	221,53	161,64	343,69	266,28	254,76	331,76	269,42	249,79	175,99	223,55	353,03
OL E AZ	17,49	17,64	21,89	7,86	27,11	9,83	16,75	27,40	17,25	15,69	25,38	17,77	16,90	16,58
GORD AN	21,07	19,72	26,06	27,06	4,44	13,46	18,18	3,13	8,99	15,46	10,80	10,95	8,38	18,07
BEB ALC	169,05	153,37	137,41	157,57	107,34	97,90	108,95	59,86	110,86	184,20	82,15	129,31	118,09	76,64

* - Exclui cereais para produção de cerveja / ** - Exclui uva utilizada na produção de vinho

*** Inclui Leite utilizado na produção de queijo e exclui manteiga e natas

De acordo com os dados referentes à década de 90, os maiores e menores consumidores aparentes foram:

Quadro 2 — Maiores e menores disponibilidades na Déc. 90.

	Maiores Disponibilidades Déc. 90	Menores Disponibilidades Déc. 90
CER	ITA, GRE, IRL, POR, FRA	HOL, AL, SUE, RU, FIN
RAÍZ	IRL, POR, RU, BEL-LUX, ESP	ITA, SUE, AUS, FIN, FRA
LEG	ESP, RU, ITA, GRE, POR	AUS, DIN, FIN, AL, SUE
AÇÚC	DIN, HOL, BEL-LUX, AUS SUE	ESP, ITA, GRE, POR, RU
HORT	GRE, ITA, POR, ESP, FRA	FIN, SUE, AL, IRL, HOL
FRUT	GRE, HOL, ITA, AUS, BEL-LUX	IRL, FIN, RU, DIN, FRA
CAR	ESP, AUS, FRA, IRL, DIN	FIN, SUE, RU, GRE, POR
PESC	POR, ESP, FIN, FRA, SUE	AUS, AL, HOL, IRL, BEL-LUX
OVOS	FRA, HOL, DIN, ESP, BEL-LUX	IRL, POR, RU, FIN, GRE
LEIT	SUE, FIN, HOL, AUS, IRL	ESP, POR, BEL-LUX, DIN, RU
OL E AZ	GRE, ESP, ITA, BEL-LUX, POR	DIN, FIN, IRL, SUE, FRA
GORD AN	DIN, BEL-LUX, AL, AUS, FRA	GRE, ESP, RU, HOL, ITA
BEB ALC	IRL, AL, DIN, AUS, BEL-LUX	GRE, SUE, ITA, FIN, ESP

Evolução das disponibilidades alimentares na UE15

Quanto às tendências evolutivas verificadas ao longo das quatro décadas, verificámos ter sido de crescimento para a maioria dos grupos de alimentos.

Quadro 3 — Tendências evolutivas.

	Tendências	Excepções
CER	Decréscimo	DIN, SUE
RAÍZ	Decréscimo	GRE, POR, RU
LEG	Acrécimo	ESP, GRE, POR, ITA, FRA
AÇÚC	Acrécimo	DIN, IRL, RU
HORT	Acrécimo	FRA
FRUT	Acrécimo	----
CAR	Acrécimo	----
PESC	Acrécimo	RU
OVOS	Acrécimo	AL, AUS, BEL-LUX, IRL, RU
LEIT	Acrécimo	IRL, RU
OL E AZ	Acrécimo	DIN
GORD AN	Acrécimo	AUS, DIN, FIN, HOL, RU
BEB ALC	Acrécimo	FRA, ITA

Variações e taxas de crescimento das disponibilidades alimentares

Em relação às variações verificadas entre a primeira e a última década, podem ser consultadas no quadro nº 4, bem como nele se podem consultar as médias das taxas de crescimento por década.

Quadro 4 – Variações e taxas de crescimento das Disponibilidades Alimentares.

	CER	RAIZ	LEG	AÇÚC	HORT	FRUT	CAR	PESC	OVOS	LEIT	OL E AZ	GORD AN	BEB ALC	
AL	Varição última Vs primeira déc.(%)	-4,00	-37,00	4,00	19,00	39,00	26,00	22,00	36,00	-7,00	32,00	56,00	7,00	24,00
	Média da taxa cresc. por década (%)	-1,29	-13,99	3,77	6,12	12,06	8,08	8,07	10,86	0,48	9,99	16,99	2,34	8,65
AUS	Varição última Vs primeira déc.(%)	-21,00	-18,00	-1,00	13,00	27,00	10,00	45,00	49,00	-1,00	24,00	70,00	-3,00	18,00
	Média da taxa cresc. por década (%)	-6,43	-5,72	1,01	4,37	8,74	3,40	13,38	17,43	-0,35	7,56	19,53	-0,72	5,75
BEL-LUX	Varição última Vs primeira déc.(%)	-3,00	-13,00	-1,00	41,00	39,00	92,00	29,00	19,00	-1,00	19,00	49,00	22,00	2,00
	Média da taxa cresc. por década (%)	-0,87	-4,08	0,41	12,20	12,80	24,60	9,72	5,89	-0,20	6,03	14,84	7,16	1,31
DIN	Varição última Vs primeira déc.(%)	19,00	-24,00	2367,00	-5,00	115,00	28,00	85,00	36,00	24,00	3,00	-32,00	-14,00	66,00
	Média da taxa cresc. por década (%)	6,75	-8,25	273,60	-1,26	29,81	0,05	22,97	11,27	7,96	1,19	-11,85	-4,17	20,25
ESP	Varição última Vs primeira déc.(%)	-22,00	-19,00	-31,00	23,00	7,00	79,00	205,00	45,00	41,00	80,00	75,00	150,00	26,00
	Média da taxa cresc. por década (%)	-7,56	-6,47	-10,77	8,44	2,48	22,17	46,00	13,26	13,50	18,29	20,50	35,68	8,71
FINL	Varição última Vs primeira déc.(%)	-13,00	-37,00	26,00	-10,00	263,00	65,00	51,00	70,00	14,00	1,00	132,00	-40,00	162,00
	Média da taxa cresc. por década (%)	-3,99	-14,07	8,88	-2,87	54,23	20,88	15,48	20,04	5,15	0,27	34,95	-15,66	39,77
FRA	Varição última Vs primeira déc.(%)	-4,00	-32,00	-11,00	9,00	-10,00	16,00	21,00	51,00	38,00	18,00	85,00	59,00	-38,00
	Média da taxa cresc. por década (%)	-0,87	-12,11	-3,22	3,51	-3,00	5,59	6,79	14,73	11,44	6,10	23,49	16,65	-14,41
GRE	Varição última Vs primeira déc.(%)	-6,00	74,00	-33,00	72,00	73,00	21,00	125,00	25,00	24,00	88,00	51,00	75,00	49,00
	Média da taxa cresc. por década (%)	-2,18	22,11	12,03	22,81	21,84	7,90	33,66	10,11	8,77	23,92	15,17	22,31	16,07
HOL	Varição última Vs primeira déc.(%)	-17,00	-6,00	30,00	2,00	0,00	76,00	63,00	31,00	20,00	16,00	3,00	-35,00	144,00
	Média da taxa cresc. por década (%)	-5,86	-1,68	11,12	1,02	0,12	20,86	17,82	10,28	6,89	5,10	0,93	-11,86	40,86
IRL	Varição última Vs primeira déc.(%)	-5,00	-4,00	2,00	-18,00	91,00	48,00	44,00	65,00	-38,00	-11,00	206,00	-14,00	161,00
	Média da taxa cresc. por década (%)	-1,43	-1,21	1,00	-6,11	25,92	14,21	13,12	19,12	-14,22	-3,42	47,72	-4,26	43,25
ITA	Varição última Vs primeira déc.(%)	-12,00	-14,00	-1,00	12,00	19,00	14,00	102,00	61,00	30,00	54,00	58,00	168,00	-32,00
	Média da taxa cresc. por década (%)	-4,20	-4,62	2,96	4,50	5,91	4,51	27,71	17,99	9,25	16,69	16,62	39,88	-11,87
POR	Varição última Vs primeira déc.(%)	-6,00	24,00	-34,00	53,00	43,00	45,00	201,00	6,00	169,00	160,00	36,00	230,00	33,00
	Média da taxa cresc. por década (%)	-2,00	7,63	-12,43	15,84	12,95	18,35	45,71	4,77	39,43	38,39	11,06	50,19	10,50
RU	Varição última Vs primeira déc.(%)	-5,00	8,00	64,00	-22,00	23,00	38,00	1,00	-1,00	-33,00	-3,00	106,00	-57,00	21,00
	Média da taxa cresc. por década (%)	-1,58	2,84	19,52	-8,02	7,21	11,63	0,49	0,31	-12,32	-1,08	28,26	-23,36	7,38
SUE	Varição última Vs primeira déc.(%)	18,00	-34,00	35,00	1,00	88,00	22,00	24,00	10,00	4,00	26,00	15,00	5,00	45,00
	Média da taxa cresc. por década (%)	6,03	-12,95	14,16	0,20	23,50	6,88	7,38	3,60	1,73	8,58	4,96	2,47	14,24

No que respeita aos CER são de salientar as tendências claras de decréscimo em ESP, AUS, HOL e ITA com médias de crescimento por década de -7,55%, -6,43%, -5,86% e -4,2%, respectivamente. Com exceção da DIN e da SUE, todos os restantes estados membros apresentam tendências de diminuição das disponibilidades de cereais. Também as RAIZ, demonstraram uma tendência geral de decréscimo na UE15. As exceções a esta regra foram GRE, POR e RU.

Nas LEG, verificámos que os países que apresentavam maiores disponibilidades na Déc. 60 (ESP, GRE e POR) demonstraram uma tendência para o decréscimo dessas disponibilidades, sendo as médias de decréscimo por década de -10,77%, -12,03% e -12,43%, respectivamente. Ainda a respeito das LEG, em ITA, as tendências de decréscimo restringem-se às décadas de 70 e 80, observando-se uma reversão da tendência na década de 90. Resta salientar que, com exceção de ESP, GRE, POR, ITA e FRA, todos os restantes Estados Membros apresentam tendências de acréscimo das disponibilidades de leguminosas.

Em relação às disponibilidades de AÇÚC são de destacar os particulares crescimentos médios por década de GRE (22,81%), POR (15,84%), BEL-LUX (12,2%), ESP (8,44%) e AL (6,12%).

No que respeita aos HORT são de salientar os crescimentos acentuados verificados na DIN, FIN, GRE, IRL e SUE. Em POR, tal como na AL e na BEL-LUX, verificaram-se crescimentos médios por década da ordem dos 12%. Os restantes países apresentam crescimentos menores.

As disponibilidades de FRU apresentarem uma tendência de crescimento em todos os Estados Membros da UE15. São de particular destaque os crescimentos médios por década de BEL-LUX, ESP, FIN, HOL e POR.

Da mesma forma, no grupo das CAR, a tendência verificada foi de crescimento em todos os Estado Membros, sendo de destacar particularmente os crescimentos médios por década em ESP (46%), POR (45,74%), GRE (33,66%) e ITA (27,71%).

A evolução das disponibilidades de PESC também apresentou uma tendência geral de crescimento na UE15. Contudo, é de salientar que nem todos os Estados Membros apresentam a mesma cadência evolutiva ao

longo das décadas, como se pode observar nos exemplos da GRE, de POR e RU que, nas décadas de 60 e 70 sofreram acréscimos, seguidos de decréscimos nas décadas seguintes.

As disponibilidades de OVO apresentam uma tendência de crescimento na maioria dos Estados Membros, exceptuando AL, AUS, BEL-LUX, IRL e RU. Dos países em que se verificou uma tendência de crescimento, é de destacar o crescimento médio por década de 39,43% em POR.

Também nas disponibilidades de LEIT verificámos uma tendência geral de crescimento, apesar de esta tendência não se verificar na IRL e no RU. São de particular destaque os crescimentos médios por década em POR (38,89%), GRE (23,92%), ESP (+18,29%) e ITA (16,69%).

No que toca às tendências nas disponibilidades de OL E AZ, são de particular destaque os crescimentos médios por década de IRL (47,72%) e FIN (34,95%), sendo também interessantes os casos do RU (28,26%), da FRA (23,49%), da ESP (20,50%) e da AUS (19,53%).

A maioria da UE15, mas não a sua totalidade, apresenta uma tendência de crescimento das disponibilidades de GORD AN. São de salientar os crescimentos médios por década de POR (50,19%), ITA (39,88%), ESP (35,68%) e GRE (22,31%).

Por fim, em relação às disponibilidades de BEB ALC, verificámos uma tendência para o seu crescimento em quase toda a UE15, sendo excepções a FRA e a ITA. São de destacar os substanciais crescimentos médios por década na IRL (43,15%), na HOL (40,86%) e na FIN (39,77%).

Correlações entre as disponibilidades alimentares dos vários países

Com o fim de analisar a existência de uma correlação na evolução das disponibilidades alimentares entre todos os Estados Membros, procedemos à determinação das correlações para cada um dos 13 grupos de alimentos. As correlações determinadas permitiram-nos fazer uma análise geral dos países que, globalmente, se verificaram mais correlacionados, podendo-se observar os resultados no quadro nº 5.

Quadro 5 — Correlações entre países.

País	POR	GRE	ESP	ITA	AL	SUE	FIN	DIN	IRL	AUS	BEL-LUX	FRA	RU	HOL
• Correlacionado Com (Por ordem decrescente)	GRE, ESP, ITA	POR, ESP ITA	GRE, ITA, AL	FRA, ESP, AL	ESP, ITA, SIE	AL, FIN, DIN	SUE, DIN, FIN	DIN, SUE, IRL	FIN, RU, ---	BEL-LUX, ESP, AL	AUS, AL, FRA	ITA, BEL-LUX, ESP	IRL, ---, ---	FIN, ---, ---

Conforme se pode observar no quadro nº 6, entre POR e GRE, verificaram-se correlações positivas para todos os grupos de alimentos, havendo algumas correlações a salientar: LEG (0,75), AÇÚC (0,75), HORT (0,67), CAR (0,88), LEIT (0,87), GORD AN (0,68) e OL E AZ (0,74).

Quadro 6 — Correlações entre Portugal, Grécia, Espanha e Itália.

Grupo / Países	Portugal/Grécia	Portugal/Espanha	Portugal/Itália	Grécia/Espanha	Grécia/Itália	Espanha/Itália	Espanha/Alemanha	Itália/França	Itália/Alemanha
Cereais e arroz	0,29	0,32	0,37	0,62	0,54	0,60	0,08	-0,31	0,17
Raízes e tubérculos	0,45	-0,44	-0,06	-0,42	-0,64	0,36	0,65	0,68	0,68
Leguminosas secas	0,75	0,69	0,12	0,81	0,22	0,27	-0,06	0,41	0,60
Açúcar, mel e adoçantes	0,75	0,70	0,54	0,65	0,53	0,79	0,61	0,58	0,59
Produtos hortícolas	0,67	0,15	0,69	0,41	0,83	0,26	0,42	-0,40	0,80
Fruta	0,54	0,45	0,60	0,69	0,64	0,68	0,77	0,81	0,81
Carnes e miudezas	0,88	0,96	0,88	0,95	0,98	0,97	0,60	0,94	0,77
Pescado	0,59	0,32	0,43	0,66	0,68	0,84	0,83	0,94	0,77
Leite	0,87	0,59	0,64	0,86	0,86	0,95	0,73	0,93	0,83
Ovos	0,26	0,46	0,77	0,80	0,64	0,73	0,42	0,90	0,11
Gorduras animais	0,68	0,86	0,87	0,49	0,67	0,88	0,66	0,96	0,76
Óleos vegetais e azeite	0,74	0,71	0,78	0,91	0,94	0,92	0,81	0,91	0,73
Bebidas Alcoólicas	0,52	0,68	-0,47	0,66	-0,86	-0,53	0,69	0,95	-0,33

Entre POR e ESP, a correlação geral também é positiva, ocorrendo apenas uma correlação negativa para o grupo das RAZ. As correlações positivas que merecem destaque ocorreram nos grupos das LEG, AÇÚC, CAR, GORD AN, OL E AZ e BEB ALC. Já entre POR e ITA, verificámos novamente a existência de uma correlação geral positiva, havendo correlações negativas apenas para RAZ (-0,47) e BEB ALC (-0,06). Os grupos que apresentam uma maior correlação entre POR e ITA são HORT, OVO, CAR, GORD AN e OL E AZ.

As correlações determinadas para a GRE demonstraram que PORT, ESP, e ITA são os países com ela mais correlacionados, embora esta última de uma forma menos evidente. Já tendo referido a correlação da GRE com POR, resta referir a sua correlação com ESP e ITA. Entre GRE e ESP, os grupos de alimentos em que as correlações se demonstraram mais fortes foram: LEG (0,81), CAR (0,95), LEIT (0,86), OVO (0,80) e OL E AZ (0,91). Já entre GRE e ITA, verifica-se uma correlação positiva de maior destaque para os grupos das CAR, LEIT, OL E AZ e BEB ALC.

Passando para as correlações encontradas para ESP, tendo já referido a correlação com a GRE, resta fazer referência a ITA e AL. Assim, entre ESP e ITA as correlações de destaque verificaram-se para os grupos: AÇÚC (0,79), CAR (0,97), PESC (0,84), LEIT (0,95), OVO (0,73), GOR AN (0,88) e OL E AZ (0,92). A correlação positiva geral encontrada entre ESP e AL, deve-se a algumas correlações positivas em FRUT, PESC, LEIT, OL E AZ e BEB ALC.

No caso da ITA, será de salientar que, tal como ESP, também apresenta uma correlação forte com a AL, apresentando contudo maior correlação com FRA e com ESP. Entre ITA e FRA, verificam-se valores de destaque para as correlações dos grupos: FRUT (0,81), CAR (0,94), PESC (0,94), LEIT (0,93), OVO (0,90), GORD AN (0,96), OL E AZ (0,91) e BEB ALC (0,95). Já entre ITA e AL, verificaram-se correlações mais fortes nos grupos: HORT, FRUT, CAR, PESC, LEIT, GORD AN e OL E AZ.

Os três países com os quais a AL se verificou estar mais correlacionada foram ESP, ITA e SUE. No quadro nº 7, poderemos observar estes dados, assim como se apresentam as correlações mais fortes verificadas para a SUE e as correlações de maior destaque para a FIN e DIN.

Quadro 7 — Correlações entre Alemanha, Suécia, Finlândia e Dinamarca.

Grupo / Países	Alemanha / Suécia	Suécia / Finlândia	Suécia / Dinamarca	Finlândia / Dinamarca	Finlândia / Irlanda
Cereais e arroz	-0,11	0,01	0,82	0,30	0,68
Raízes e tubérculos	0,94	0,90	0,69	0,79	0,42
Leguminosas secas	0,65	0,53	0,54	0,46	-0,02
Açúcar, mel e adoçantes	-0,07	0,36	0,48	0,61	0,62
Produtos hortícolas	0,85	0,98	0,96	0,97	0,77
Fruta	0,72	0,73	0,74	0,35	0,68
Carnes e miudezas	0,50	0,80	0,81	0,85	0,95
Pescado	0,57	0,62	0,62	0,88	0,90
Leite	0,67	-0,17	-0,05	0,44	-0,18
Ovos	0,59	0,70	0,40	0,33	-0,41
Gorduras animais	0,23	-0,43	-0,50	0,50	0,38
Óleos vegetais e azeite	0,57	0,68	-0,35	-0,80	0,86
Bebidas Alcoólicas	0,66	0,86	0,79	0,87	0,76

Verificámos que a correlação estabelecida entre a AL e a SUE se deve sobretudo a correlações mais fortes nos grupos dos HORT (0,85), da FRUT (0,72) e das RAIZ (0,94). Entre a SUE e a FIN, verificámos existirem correlações fortes nos grupos das RAIZ (0,90), dos HORT (0,98), das BEB ALC (0,86) e CAR (0,80). Já entre a SUE e a DIN, verificamos que as correlações mais fortes ocorreram nos grupos dos HORT (0,96), dos CER (0,82) e das CAR (0,81).

Entre a FIN e a DIN, as correlações de maior destaque ocorrem nos grupos dos HORT (0,97), do PESC (0,88), das BEB ALC (0,87), das CAR (0,85) e dos OL E AZ (0,80). Ainda em relação à FIN que também apresenta correlação com a IRI, resta referir que essa correlação se deve aos grupos das CAR (0,95), do PESC (0,90) e dos OL E AZ (0,86).

Por fim, fazendo menção às correlações encontradas para a IRI, é de destacar que, para além da FIN, apenas apresenta correlação com mais um país (RU), tendo-se optado por não apresentar estes dados em nenhum dos quadros. De qualquer modo é de referir que, entre IRI e RU, são de particular interesse as correlações

verificadas nos grupos dos HORT (0,72), da FRUT (0,82), do AÇÚC (0,73), dos OVO (0,83) e dos OL E AZ (0,84).

Comentando as correlações observadas nos outros países, nomeadamente AUS, BEL-LUX e FRA, no quadro nº 8 podem-se observar os resultados referentes a estes Estados Membros.

Quadro 8 — Correlações entre Áustria, Bélgica-Luxemburgo e França.

Grupo / Países	Áustria / Bel - Lux	Áustria / Espanha	Áustria / Alemanha	Bel-Lux / Alemanha	Bel - Lux / França	França / Espanha
Cereais e arroz	0,37	0,77	0,12	0,09	0,52	0,55
Raízes e tubérculos	0,92	0,22	0,76	0,73	0,80	0,59
Leguminosas secas	0,22	-0,07	-0,16	-0,54	-0,24	0,40
Açúcar, mel e adoçantes	0,68	0,47	0,41	0,53	0,39	0,66
Produtos hortícolas	0,59	0,12	0,51	0,45	0,08	-0,38
Fruta	0,43	0,45	0,38	0,80	0,63	0,43
Carnes e miudezas	0,83	0,95	0,76	0,93	0,89	0,86
Pescado	0,71	0,76	0,67	0,76	0,86	0,88
Leite	0,84	0,76	0,90	0,79	0,58	0,84
Ovos	0,19	0,42	0,56	-0,18	-0,17	0,75
Gorduras animais	0,06	-0,19	-0,31	0,58	0,73	0,87
Óleos vegetais e azeite	0,80	0,95	0,70	0,91	0,83	0,96
Bebidas Alcoólicas	0,40	0,82	0,83	0,76	0,16	-0,54

Os grupos de alimentos que se correlacionaram de forma mais forte entre a AUS e BEL-LUX, foram as RAIZ (0,92), o LEIT (0,84), as CAR (0,83) e os OL E AZ (0,80). Para além de BEL-LUX, a AUS apresenta ainda correlação com ESP, sobretudo nos grupos das CAR (0,95), dos OL E AZ (0,95) e do LEIT (0,82), apresentando também correlação com a AL, sobretudo nos grupos do LEIT e das BEB ALC.

Quanto a BEL-LUX e AL, as correlações mais fortes ocorrem nos grupos: CAR (0,93), OL E AZ (0,91) e FRUT (0,80). Entre BEL-LUX e FRA as correlações mais fortes ocorreram nas CAR, no PESC, nos OL E AZ e nas RAIZ.

No que respeita a FRA, as maiores correlações gerais verificaram-se com ITA e BEL-LUX, já previamente comentadas, mas também com ESP. A correlação com ESP deve-se sobretudo aos grupos: OL E AZ, PESC, GORD AN, CAR e LEIT.

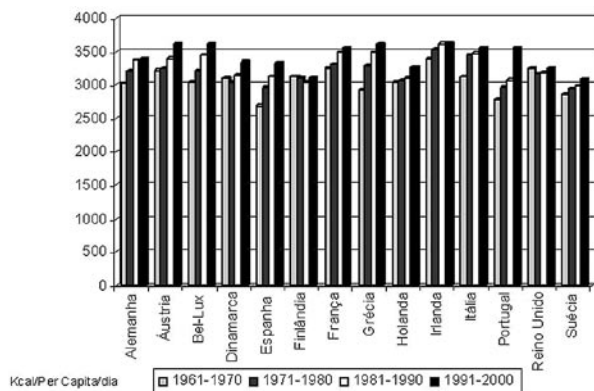
Por fim, fazendo referência a dois países, cujos dados não se apresentaram em nenhum dos quadros (RU e HOL), é de salientar que o único país correlacionado de forma substancial com o RU foi a IRL e que, no caso da HOL, verificou-se estar correlacionada apenas com a FIN, mas não de uma forma muito evidente.

Situação Nutricional Aparente na UE 15

Capitacões diárias de energia

Na Déc. 90, a IRL foi o maior consumidor aparente de energia, seguida de BEL-LUX, GRE e AUS. Os menores consumidores aparentes foram HOL, RU, FIN e SUE.

Figura 1 — Capitações diárias médias de energia.



É ainda interessante destacar que a evolução das capitações diárias de energia demonstrou-se clara e consistentemente de crescimento em quase toda a UE15, embora a FIN seja excepção.

Quadro 9 — Capitações diárias médias de energia e respectiva origem na década de 90.

Energia e Origem / País		AL	AUS	BEL-LUX	DIN	ESP	FIN	FRA	GRE	HOL	IRL	ITA	POR	RU	SUE
Energia	Capit. diária média Déc. 90 (Kcal/per cap./dia)	3.382	3.606	3.613	3.340	3.322	3.104	3.551	3.613	3.273	3.634	3.559	3.557	3.257	3.088
	Média Tx Cresc. Déc. (%)	3,81	3,90	5,82	2,41	7,31	-0,23	2,96	7,30	2,45	2,28	4,41	8,76	0,07	2,65
	Varição Déc. 90 Vs Déc. 60 (%)	11,79	12,08	18,48	7,23	23,52	-0,72	9,10	23,33	7,47	6,94	13,56	28,23	0,16	8,14
Energia de Origem Animal	Capit. diária média Déc. 90 (Kcal/per cap./dia)	1.060	1.239	1.161	1.253	892	1.195	1.347	805	1.118	1.127	923	937	1.032	1.040
	Média Tx Cresc. Déc. (%)	3,05	6,21	5,42	3,21	26,63	-2,80	7,58	20,30	4,30	-3,28	20,53	34,76	-7,28	2,66
	Varição Déc. 90 Vs Déc. 60 (%)	8,37	19,66	16,48	9,69	100,38	-8,31	24,12	71,31	13,31	-10,36	72,06	142,12	-20,37	7,91
Energia de Origem Vegetal	Capit. diária média Déc. 90 (Kcal/per cap./dia)	2.055	2.110	2.233	1.844	2.250	1.738	2.009	2.685	1.978	2.199	2.490	2.343	2.040	1.910
	Média Tx Cresc. Déc. (%)	3,80	2,47	6,55	0,42	2,60	0,08	2,65	4,12	-0,05	3,00	1,76	3,26	4,23	2,57
	Varição Déc. 90 Vs Déc. 60 (%)	11,71	7,12	20,50	0,86	7,96	-0,19	7,71	12,78	-0,31	9,18	5,17	9,93	12,62	7,71
Energia de Origem Beb. Alcool.	Capit. diária média Déc. 90 (Kcal/per cap./dia)	267	257	218	243	181	171	195	123	177	308	146	277	185	138
	Média Tx Cresc. Déc. (%)	10,47	6,84	4,09	21,12	4,69	30,43	-13,53	18,46	39,64	38,57	-13,63	3,02	9,86	6,26
	Varição Déc. 90 Vs Déc. 60 (%)	28,58	21,19	9,65	68,48	12,37	108,67	-36,00	55,97	136,19	143,24	-36,45	8,44	28,25	16,48

No quadro nº 9 observa-se que, na Déc. 90, os países com as maiores capitações diárias de energia de origem animal foram FRA, DIN, AUS e FIN, enquanto POR, ITA, ESP e GRE foram aqueles em que se verificaram as menores. No que respeita à energia de origem vegetal, os países com maiores capitações são precisamente os mesmos que apresentam menores capitações de energia de origem animal.

No que diz respeito à energia proveniente das BEB ALC, verifica-se que IRL, POR, AL e AUS se encontram à cabeça da lista, sendo maiores consumidores aparentes de etanol. Em oposição, os menores consumidores aparentes de energia de BEB ALC foram FIN, ITA, SUE e GRE.

Dos países em que as capitações diárias de energia são mais elevadas, POR encontra-se em sexto lugar, tendo sido o país onde se registou a maior média da taxa de crescimento por década (8,76%), com uma variação da Déc. 60 para a Déc. 90 de +28,23%. Este facto deve-se ao crescimento de todas as componentes analisadas, mas deriva sobretudo de um crescimento muito significativo no que diz respeito à energia de origem animal (+34,76% em média por década), para a qual a variação entre a primeira e a última década foi de +142,12%.

De particular destaque é também o caso de ESP, onde a média da taxa de crescimento por década das capitações diárias de energia foi de 7,31%, com uma variação entre a Déc. 60 e a Déc. 90 de +23,52%. Este crescimento deve-se, tal como em POR, sobretudo ao crescimento da energia de origem animal (+26,63% em média por década) o que deu origem a um acréscimo de +100,23% nesta variável entre primeira e a última década analisadas.

A GRE apresenta uma média da taxa de crescimento por década e uma variação semelhantes a ESP (7,3% e +23,33%, respectivamente), tendo a energia de origem animal sido o factor que mais contribuiu para este facto, apesar de numa magnitude inferior à de ESP e POR.

Nos restantes países as médias de crescimento por década das capitações energéticas diárias são inferiores, mas será de destacar o facto da AL e BEL-LUX, apresentaram crescimentos superiores na energia de origem vegetal do que na energia de origem animal. É ainda de salientar que FIN e RU apresentam as menores médias de crescimento das capitações energéticas diárias, verificando-se, em ambos os casos, variações negativas, entre a primeira e a última década, na energia de origem animal.

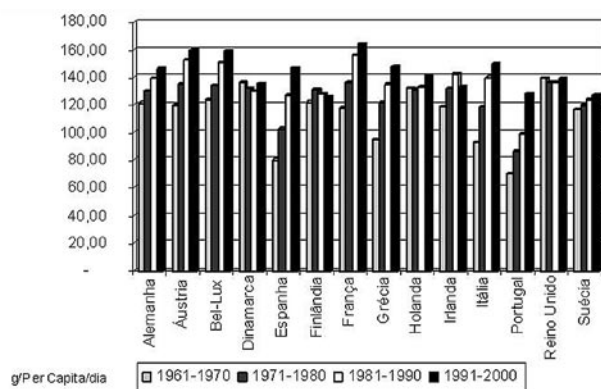
Também a IRL, apesar de estar entre os maiores consumidores aparentes de energia, apresenta dados interessantes, já que, entre a Déc. 60 e a Déc. 90, se verifica um decréscimo (-10,36%) na energia de origem animal e um acréscimo na de origem vegetal (+9,18%).

No que diz respeito à energia proveniente de BEB ALC, são de destaque as médias de crescimento por década verificadas na IRL (38,57%), na HOL (39,64%), na FIN (30,43%) e na DIN (21,12%) às quais correspondem variações significativas entre a Déc. 60 e a Déc. 90 nos valores de +143,24%, +136,19%, +108,67% e +68,48%, respectivamente. É ainda de salientar que tanto a ITA, como a FRA apresentam médias de crescimento por década negativas no que respeita à energia proveniente das BEB ALC em magnitudes muito semelhantes.

Capitações diárias de lípidos

Nas capitações diárias de lípidos verificámos que, na Déc. 90, os maiores consumidores aparentes foram FRA, AUS, BEL-LUX e ITA. A estes, seguiram-se GRE e ESP, sendo de destacar que os menores consumidores aparentes foram IRL, POR, SUE e FIN.

Figura 2 — Capitações diárias médias de lípidos.



A tendência verificada nas capitações diárias de lípidos, ao longo das quatro décadas analisadas, foi de crescimento para todos os países da UE15 com excepção da DIN, cuja média da taxa de crescimento por década se verificou negativa (-0,72%).

O quadro que se segue, apresenta as capitações diárias de lípidos na Déc. 90, bem como as médias das taxas de crescimento por década e a variação verificada entre a Déc. 60 e Déc. 90.

Quadro 10 — Capitações diárias médias de lípidos e respectiva origem na década de 90.

Lípidos e Origem / País		AL	AUS	BEL-LUX	DIN	ESP	FIN	FRA	GRE	HOL	IRL	ITA	POR	RU	SUE
Lípidos Totais	Cap. Diária Média Déc. 90 (g/per cap./dia)	145,75	159,71	159,12	134,58	146,76	125,94	164,23	147,60	141,35	133,18	149,09	127,81	139,17	126,39
	Média Tx. Cresc. Déc. (%)	6,41	10,16	8,80	- 0,20	22,68	1,15	12,00	16,22	2,45	4,21	17,59	22,54	0,05	2,78
	Varição Déc. 90 Vs Déc. 60 (%)	20,45	33,41	28,66	- 0,72	84,18	3,25	40,12	55,81	7,40	12,20	61,27	83,29	0,08	8,57
Lípidos de Origem Animal	Cap. Diária Média Déc. 90 (g/per cap./dia)	107,43	102,21	97,43	92,63	92,29	84,33	81,47	81,27	80,57	73,21	69,31	67,65	60,45	55,18
	Média Tx. Cresc. Déc. (%)	2,17	5,93	4,84	1,43	29,76	- 3,86	8,12	20,01	3,10	- 5,40	21,73	38,43	- 9,29	1,89
	Varição Déc. 90 Vs Déc. 60 (%)	5,66	18,73	14,41	3,89	116,27	- 11,35	26,03	70,75	9,31	- 16,18	77,40	162,65	- 25,54	5,30
Lípidos de Origem Vegetal	Cap. Diária Média Déc. 90 (g/per cap./dia)	92,43	86,31	79,78	66,49	62,27	61,42	60,16	59,88	58,60	56,80	53,18	51,90	33,66	32,37
	Média Tx. Cresc. Déc. (%)	14,86	18,43	16,27	- 4,39	18,62	24,42	21,79	14,21	1,71	34,79	14,47	11,15	24,74	4,52
	Varição Déc. 90 Vs Déc. 60 (%)	49,11	65,43	55,66	- 12,91	66,84	88,25	77,71	48,08	4,91	138,88	49,46	36,80	89,97	13,41

No que diz respeito à proveniência dos lípidos, e mais uma vez em função da década mais recente, verificamos que os países com maiores capitações diárias de lípidos de origem vegetal foram GRE, ESP, ITA e BEL-LUX. Em contrapartida, os menores consumidores aparentes de lípidos de origem vegetal foram SUE, IRL, FIN e DIN.

Já nos lípidos de origem animal, verificamos que, na Déc. 90, os países com maiores capitações foram FRA, DIN, AUS e BEL-LUX, enquanto os menores consumidores aparentes de lípidos de origem animal foram ITA, POR, ESP e GRE.

É de particular interesse salientar no entanto que os países com menores consumos aparentes de lípidos de origem animal (POR, ESP, ITA e GRE), constituem precisamente os mesmos onde se registaram as maiores médias de crescimento por década para as capitações diárias de lípidos totais. De facto, verificamos que nestes países as variações entre a primeira e última décadas são sobejamente significativas, com acréscimos de +84,18% em ESP, +83,29% em POR, +61,27% em ITA e +55,81% na GRE.

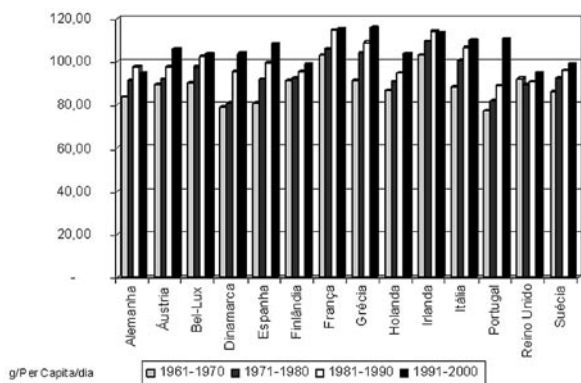
Apesar de POR se encontrar entre os menores consumidores aparentes de lípidos totais, o crescimento verificado, ao longo dos 40 anos estudados, é de destacar, sendo de salientar que na Déc. 60 POR era o menor consumidor deste nutriente. Para POR, importa ainda referir que este crescimento se deve sobretudo ao acréscimo nas capitações diárias de lípidos de origem animal (+162,65%).

De particular destaque são também os casos de ESP, ITA e GRE, cujas variações nas capitações de lípidos de origem animal, entre a Déc. 60 e Déc. 90, foram de +116,27%, +77,40% e +70,75%, respectivamente.

Capitações diárias de proteínas

Quanto às capitações diárias de proteínas verifica-se que, na última década analisada, os maiores consumidores aparentes foram GRE, FRA, IRL e POR. A estes, seguiram-se ITA e ESP, sendo ainda de salientar que os menores consumidores aparentes foram a SUE, a FIN, o RU e a AL.

Figura 3 — Capitações diárias médias de proteínas.



A tendência verificada nas capitações diárias de proteínas totais, ao longo do período estudado, foi de crescimento para todos os países da UE15.

Quanto à origem deste nutriente, verificamos que os países com maiores captações diárias de proteínas de origem vegetal foram GRE, ITA, POR, IRL e ESP, ao passo que os menores consumidores aparentes desta variável foram AL, FIN, HOL e SUE. No que diz respeito às proteínas de origem animal, os maiores consumidores aparentes foram FRA, HOL, IRL e AUS, enquanto GRE, ITA, AL e RU foram aqueles que apresentaram as menores captações diárias de proteínas de origem animal.

Quadro 11 — Captações diárias médias de energia e respectiva origem na década de 90.

Proteínas e Origem / País		AL	AUS	BEL-LUX	DIN	ESP	FIN	FRA	GRE	HOL	IRL	ITA	POR	RU	SUE
Proteínas Totais	Cap. Diária Média Déc. 90 (g/per cap./dia)	94,53	106,00	103,78	103,95	108,48	98,66	115,33	115,89	103,69	113,35	110,21	110,71	94,77	98,99
	Média Tx Cresc. Déc. (%)	4,25	5,75	4,83	9,72	10,29	2,54	3,89	8,38	6,21	3,28	7,86	13,12	0,97	4,80
	Varição Déc. 90 Vs Déc. 60 (%)	12,83	18,16	15,09	31,41	34,06	7,80	11,96	27,05	19,74	10,04	24,47	43,68	2,81	15,04
Proteínas de Origem Animal	Cap. Diária Média Déc. 90 (g/per cap./dia)	57,23	68,29	63,95	65,92	66,85	62,59	76,08	61,95	70,23	70,07	59,84	62,86	53,65	65,58
	Média Tx Cresc. Déc. (%)	6,88	10,31	8,56	12,28	27,17	4,75	7,90	20,93	10,09	5,35	20,43	27,83	-0,70	5,58
	Varição Déc. 90 Vs Déc. 60 (%)	19,71	34,15	27,25	40,85	102,76	14,74	25,01	74,24	33,30	16,22	71,81	106,61	-2,13	17,31
Proteínas de Origem Vegetal	Cap. Diária Média Déc. 90 (g/per cap./dia)	37,30	37,70	39,83	38,04	41,63	36,07	39,24	53,94	33,46	43,28	50,37	47,85	41,12	33,41
	Média Tx Cresc. Déc. (%)	1,24	-0,80	-0,05	5,91	-4,56	-0,51	-2,04	-1,03	-0,42	0,51	-2,05	0,92	3,37	3,56
	Varição Déc. 90 Vs Déc. 60 (%)	3,88	-2,83	-0,22	17,75	-13,18	-2,44	-8,88	-3,10	-1,33	1,32	-6,23	2,61	10,07	10,81

Conforme se pode observar no quadro nº 11, em toda a UE15, verificamos uma tendência para o aumento das captações diárias de proteínas totais. Mais uma vez, POR, ESP, GRE e ITA apresentam dos maiores crescimentos médios por década para as captações diárias de proteínas. Adicionalmente, a DIN também apresenta um significativo crescimento das captações diárias de proteínas, inclusivamente superior ao da GRE e de ITA. Novamente, os acréscimos verificados devem-se a maiores crescimentos de origem animal, mas, desta feita, acompanhados, nalguns casos, de decréscimos de origem vegetal.

Assim, ao comparar a Déc. 90 com a Déc. 60, verificamos que ESP apresenta uma variação de +102,76% nas captações diárias de proteínas de origem animal, a par de uma variação de -13,18% nas captações diárias de proteínas de origem vegetal.

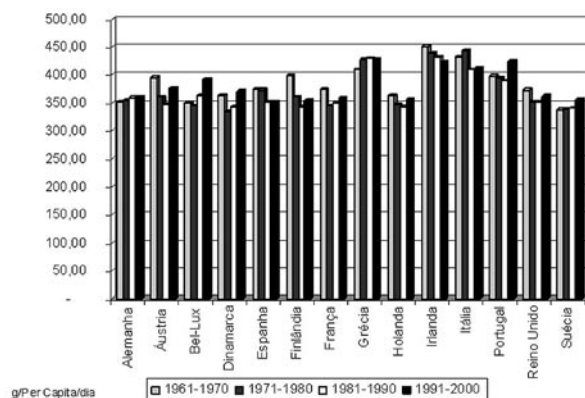
Do mesmo modo, na GRE verifica-se uma variação de +74,24% nas captações diárias de proteínas de origem animal com uma variação de -3,10% nas de origem vegetal, enquanto os valores equivalentes em ITA foram de +71,81% e -6,23%, respectivamente.

Em POR, DIN, AL, RU e SUE não ocorrem decréscimos nas captações diárias de proteínas de origem vegetal. Nos restantes países as médias de crescimento por década para as captações diárias de proteínas são consideravelmente inferiores, mas, mais uma vez o RU merece referência especial já que apresenta um decréscimo nas captações diárias de proteínas de origem animal entre a primeira e última décadas analisadas.

Captações diárias de glúcidos

Quanto às captações diárias de glúcidos verificamos que os maiores consumidores aparentes, na Déc. 90 foram GRE, POR, IRL e ITA, enquanto os menores foram HOL, SUE, FIN e ESP.

Figura 4 — Captações diárias médias de glúcidos.



A tendência verificada nas capitações diárias de glúcidos não é semelhante à verificada para as capitações dos outros nutrientes energéticos, nem na clareza das tendências de crescimento, nem na sua magnitude. Na realidade, verifica-se uma completa divisão quanto às tendências evolutivas desta variável, havendo sete países onde a tendência se apresenta decrescente e oito em que se apresenta crescente. Assim, AUS, ESP, FIN, FRA, HOL, IRL, ITA e RU, apresentam médias de crescimento por década negativas, ao passo que os restantes países apresentam médias de crescimento positivas.

Quadro 12 – Capitações diárias médias de glúcidos.

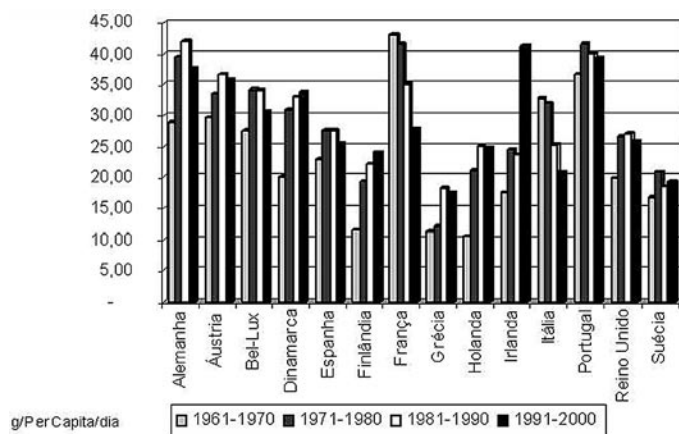
Glúcidos Totais / País	AL	AUS	BEL-LUX	DIII	ESP	FIN	FRA	GRE	HOL	IRL	ITA	POR	RU	SUE
Cap. Diária Média Déc. 60 (g/per cap./dia)	352,19	395,43	348,62	362,26	374,23	398,05	373,58	410,44	363,09	450,90	431,49	397,22	373,11	336,83
Cap. Diária Média Déc. 70 (g/per cap./dia)	354,06	359,85	344,19	333,34	372,68	360,59	345,72	427,52	347,65	438,35	443,49	393,56	351,13	338,63
Cap. Diária Média Déc. 80 (g/per cap./dia)	359,50	347,82	362,78	343,19	351,48	342,69	349,39	429,15	342,68	432,13	409,27	388,93	352,36	339,80
Cap. Diária Média Déc. 90 (g/per cap./dia)	360,77	376,23	391,64	370,55	350,66	354,07	357,63	428,07	355,80	422,91	410,85	424,54	361,51	354,97
Média Tx Cresc. Déc. (%)	0,81	-1,39	4,03	0,98	-2,11	-3,68	-1,35	1,43	-0,62	-2,11	-1,52	2,35	-0,98	1,78
Varição Déc. 90 Vs Déc. 60 (%)	2,44	-4,86	12,34	2,29	-6,30	-11,05	-4,27	4,30	-2,01	-6,21	-4,78	6,88	-3,11	5,39

É de salientar que BEL-LUX apresentam o maior crescimento (4,03%), ao qual corresponde uma variação das capitações diárias de glúcidos de +12,34% entre a Déc. 60 e a Déc 90. Nos restantes países que também apresentam tendências de crescimento, verificam-se menores valores para este parâmetro.

Capitações diárias de etanol

Em relação às capitações diárias de etanol verificámos que na Déc. 90, o maior consumidor aparente foi a IRL, seguida de POR. Já os menores consumidores aparentes foram FIN, ITA, SUE e GRE.

Figura 5 — Capitações diárias médias de etanol.



Quanto à tendência evolutiva das capitações diárias de etanol, com excepção de FRA e ITA, todos os países apresentam uma tendência de crescimento. São de particular destaque os crescimentos médios por década na HOL, na FIN e na IRL de 39,78%, 36,77% e 30,42%, respectivamente.

Quadro 13 — Capitações diárias médias de etanol e respectiva origem na década de 90.

Etanol e Origem / País		AL	AUS	BEL-LUX	DINI	ESP	FIN	FRA	GRE	HOL	IRL	ITA	POR	RU	SUE
Etanol Total	Cap. Diária Média Déc. 90 (g/per cap./dia)	37,55	35,85	30,50	33,62	25,57	23,99	27,72	17,50	24,66	41,19	20,81	39,13	25,77	19,32
	Média Tx Cresc. Déc. (%)	10,93	6,92	4,53	21,17	4,59	30,42	-13,40	18,28	39,78	36,77	-13,69	2,67	10,33	6,28
	Variação Déc. 90 Vs Déc. 60 (%)	30,35	21,49	11,03	68,53	12,23	109,03	-35,70	56,47	136,78	134,55	-36,53	7,35	30,00	16,44
Etanol Proveniente de Vinho	Cap. Diária Média Déc. 90 (g/per cap./dia)	6,54	8,59	6,74	7,34	10,29	1,58	16,55	5,01	3,69	1,74	15,34	14,88	3,56	3,48
	Média Tx Cresc. Déc.	28,23	1,81	37,08	90,39	-12,10	64,10	-18,19	-14,84	79,72	66,89	-18,97	-9,76	77,65	40,68
	Variação Déc. 90 Vs Déc. 60 (%)	99,45	3,33	140,98	524,88	-33,47	277,59	-45,53	-41,36	294,25	343,36	-47,60	-28,00	389,80	164,51
Etanol Proveniente de Cerveja	Cap. Diária Média Déc. 90 (g/per cap./dia)	24,05	21,27	20,62	23,46	12,28	15,68	6,12	6,70	17,31	29,65	4,41	11,68	18,97	11,29
	Média Tx Cresc. Déc. (%)	6,24	6,69	-2,21	15,00	44,29	42,14	-4,54	81,10	38,16	41,75	37,04	134,22	4,14	13,92
	Variação Déc. 90 Vs Déc. 60 (%)	16,47	21,23	-7,64	45,11	179,90	175,25	-15,29	417,54	133,90	149,70	149,82	799,10	10,02	42,73
Etanol Proveniente de beb. destil. e outras Fermentadas	Cap. Diária Média Déc. 90 (g/per cap./dia)	6,96	5,99	3,14	2,82	3,01	6,73	5,05	5,79	3,67	9,79	1,06	12,58	3,24	4,55
	Média Tx Cresc. Déc. (%)	18,07	19,27	21,51	10,52	1,80	13,17	-1,63	68,84	28,51	25,98	-11,39	-4,57	25,60	-13,06
	Variação Déc. 90 Vs Déc. 60 (%)	42,64	64,04	33,72	8,12	2,49	25,57	-8,18	328,59	76,26	85,03	-39,47	-13,21	74,73	-38,23

FRA, ITA, POR e ESP, foram, na Déc. 90, os maiores consumidores de etanol proveniente de vinho. Já no que respeita ao etanol proveniente de cerveja, os maiores consumidores aparentes na década de 90 foram IRL, AL, DIN, AUS e BEL-LUX. Em relação às bebidas destiladas e outras bebidas fermentadas, é de destacar desde já que POR foi, na Déc. 90, o maior consumidor de etanol desta origem.

Repartição do valor energético total diário pelos nutrientes energéticos e etanol

Para terminar esta análise, procedemos ao cálculo da participação de cada nutriente energético, assim como do etanol, no VET fornecido pela alimentação, de forma a poder comparar o estado actual deste parâmetro relativamente às recomendações. Para tal foram calculadas as médias das capitações diárias de cada um dos nutrientes energéticos (glúcidos, lípidos e proteínas) para cada década, assim como se calcularam as médias das capitações diárias de etanol total para cada uma dessas décadas. Com estes valores médios, calculou-se então a percentagem em que cada um dos nutrientes e etanol participavam nas correspondentes médias das capitações diárias de energia por década, para todos os Estados Membros.

Quadro 14 — Repartição do VET médio pelos nutrientes e etanol na década de 90.

Repartição do VET Diário / País		AL	AUS	BEL-LUX	DINI	ESP	FIN	FRA	GRE	HOL	IRL	ITA	POR	RU	SUE
VET Diário Proveniente de Glúcidos	Média da Década de 90 (%)	42,67	41,72	43,36	44,37	42,22	45,62	40,28	47,40	43,47	46,57	46,18	47,75	44,40	45,98
	Média Tx Cresc. Déc. (%)	-2,96	-5,19	-1,70	-1,51	-8,78	-3,50	-4,19	-5,44	-3,03	-4,26	-5,70	-5,93	-1,09	-0,85
	Variação Déc. 90 Vs Déc. 60 (%)	-8,41	-15,15	-5,21	-4,61	-24,14	-10,41	-12,27	-15,48	-8,86	-12,28	-16,25	-16,79	-3,28	-2,56
VET Diário Proveniente de Lípidos	Média da Década de 90 (%)	38,79	39,88	39,65	36,27	39,75	36,54	41,62	36,77	38,89	32,98	37,70	32,33	38,47	36,84
	Média Tx Cresc. Déc. (%)	2,53	6,13	2,81	-2,52	14,31	1,41	8,79	8,22	-0,00	1,80	12,64	12,86	-0,02	0,14
	Variação Déc. 90 Vs Déc. 60 (%)	7,76	19,07	8,62	-7,40	49,14	4,00	28,49	26,46	-0,01	4,91	42,36	43,58	-0,08	0,39
VET Diário Proveniente de Proteínas	Média da Década de 90 (%)	11,18	11,76	11,49	12,45	13,06	12,71	12,99	12,83	12,68	12,48	12,39	12,44	11,64	12,82
	Média Tx Cresc. Déc. (%)	0,35	1,77	-0,92	7,13	2,77	2,79	0,88	1,03	3,89	0,97	3,12	3,87	0,88	2,10
	Variação Déc. 90 Vs Déc. 60 (%)	0,94	5,41	-2,86	22,56	8,54	8,56	2,62	3,08	11,48	2,90	9,64	11,88	2,63	6,37
VET Diário Proveniente de Etanol	Média da Década de 90 (%)	7,90	7,12	6,04	7,28	5,44	5,52	5,48	3,40	5,42	8,46	4,11	7,80	5,67	4,47
	Média Tx Cresc. Déc. (%)	6,19	3,00	-1,57	19,12	-2,60	30,84	-15,94	10,50	36,91	35,78	-17,47	-4,93	10,18	3,47
	Variação Déc. 90 Vs Déc. 60 (%)	15,29	8,16	-7,41	56,97	-8,99	110,07	-41,33	26,31	119,47	127,36	-44,06	-15,24	28,11	7,80

Será de salientar, desde já, que em toda a UE15 se verificou uma tendência de decréscimo da participação dos glúcidos no VET fornecido pela alimentação, ao passo que a participação das proteínas tende a subir em quase todos os países (exceptuando BEL-LUX), da mesma forma que a participação dos lípidos apresenta uma tendência de crescimento em quase toda a UE (com excepção da DIN, do RU e da HOL).

A participação do etanol no VET fornecido pela alimentação varia ao longo da UE15, verificando-se uma tendência de crescimento para nove países e uma tendência de decréscimo para os outros seis, nomeadamente ITA, FRA, POR, ESP, BEL-LUX. Quanto à participação do etanol no VET, é de salientar que entre a Déc. 60 e a Déc. 90 na IRL, na HOL e na FIN se verificaram as maiores variações, com acréscimos da participação do etanol, no VET de +127,36%, +119,47% e +110,07%, respectivamente. ITA, FRA, POR, ESP e BEL-LUX apresentam tendências de decréscimo da participação do etanol no VET fornecido pela alimentação com variações, entre a Déc. 60 e a Déc. 90, de -44,06%, -41,33%, -15,24%, 8,99% e -7,41%, respectivamente.

No que respeita à energia fornecida pelas proteínas volta-se a salientar a tendência geral de crescimento em toda a UE, com excepção de BEL-LUX. Os países que apresentam os maiores acréscimos da participação das proteínas no VET fornecido pela alimentação são DIN (+22,56%), POR (+11,88%) e HOL (+11,48%).

DISCUSSÃO

Algumas das tendências verificadas a nível das disponibilidades alimentares podem ser indicadores de uma possível pioria dos padrões alimentares, já que, de uma forma geral, mas com algumas excepções, verifica-se uma tendência para o aumento do consumo aparente AÇÚC, CAR, OL E AZ, a par de uma tendência geral de decréscimo nas disponibilidades de RAIZ E CER. Em contrapartida, verificaram-se algumas tendências que podemos considerar positivas, nomeadamente no que respeita ao aumento genérico das disponibilidades de HORT, FRUT e LEG, apesar de o consumo aparente continuar a ser insuficiente.

Quanto aos resultados obtidos nas correlações entre os diferentes Estados Membros, poderemos concluir existir uma reciprocidade evidente para os países Nórdicos, assim como entre os países do Sul da Europa (POR, ESP, GRE e ITA), o que evidencia o mesmo tipo de evolução das disponibilidades alimentares destes Estados Membros.

Contudo, nos países do Sul da Europa, verifica-se que a reciprocidade não é total, uma vez que ITA apresenta uma forte correlação com ESP, mas não com POR e GRE, apresentando correlações mais fortes com FRA e AL. Da mesma forma, ESP, correlaciona-se com ITA e com a GRE, mas não tanto com POR, estando sim mais próxima da AL.

Parece evidente que o afastamento de ITA e ESP, dos outros dois países mediterrânicos (aceitando POR como um país de influência mediterrânica) se tem vindo a observar ao longo das décadas, no que respeita a alguns grupos de alimentos (CER e CAR, sobretudo) o que as foi aproximando dos padrões verificados em países da Europa Central.

É de mencionar a questão da riqueza e desenvolvimento económico em ESP e em ITA, uma vez que pode ser o factor que melhor explica o seu afastamento em relação à GRE e a POR. Contudo, a questão geográfica também se poderá colocar como justificativa deste afastamento, uma vez que ITA e ESP são países de grande extensão, ocupando zonas do Sul e do Centro da Europa, fazendo fronteira com países tipicamente Centro-Europeus. Uma vez que os dados analisados se referem a balanças alimentares, não é possível distinguir diferenças regionais, climáticas ou geográficas que marcariam certamente a diferença das regiões mais a Sul ou mais a Norte.

Para os restantes Países, os resultados confirmam a existência de correlação, nem sempre recíproca, evidente entre os países situados na Europa Central, verificando-se que os países situados mais a Norte apresentam maiores correlações com os países Nórdicos (AL/SUE ou HOL/FIN, por exemplo).

Às tendências verificadas nas disponibilidades alimentares, correspondem tendências, de algum modo, preocupantes no que respeita à situação nutricional aparente na UE15. Verificámos que, de modo geral, a UE15 tende a testemunhar um aumento das captações diárias de energia total, de energia de origem animal, de energia de origem vegetal e de proteína de origem animal, a par da diminuição das captações de energia fornecida por glúcidos.

Quanto à proporção com que cada nutriente energético participa no VET da alimentação, verificámos, de forma geral, que na UE15 as tendências indicam o aumento da proporção de lípidos e proteína no VET, ao passo que a proporção de glúcidos tende a descer. Para além disso, a proporção em que o etanol participa no VET tende a aumentar em toda a UE15.

As recomendações nutricionais indicam que os glúcidos devem ser o nutriente responsável pela maior proporção de energia diária (55 a 75% VET), devendo os lípidos participar com menos de 30% no VET e as proteínas com 10 a 15% no VET^{1,6,19,20}.

À luz destas recomendações, e referindo-nos à Déc. 90, verificámos que nenhum dos países da UE15 respeitava as recomendações referentes aos glúcidos (encontrando-se todos abaixo dos 55% VET), nem aos lípidos (encontrando-se todos acima dos 30% VET), o que nos leva a concluir que os dados indicam que a alimentação em todos os Estados Membros seja aparentemente demasiado rica em gordura e insuficiente em alimentos fornecedores de glúcidos.

No que diz respeito às proteínas, concluímos que todos os países se encontram dentro dos limites apontados como desejáveis (10-15% do VET).

Em matéria de etanol, apenas FIN, GRE, ITA e SUE apresentam captações diárias dentro dos limites máximos diários recomendados para os dois sexos (<24 g para as mulheres e <36 g para os homens)^{6,21}. AL, AUS, POR

e IRL, não respeitam qualquer uma destas recomendações e os restantes países apenas as respeitam no que concerne aos limites apontados para o sexo masculino.

POR no seio da UE15, é um dos maiores consumidores aparentes de CER, RAIZ, HORT, FRUT, LEG e PBSC, estando entre os menores consumidores aparentes de CAR, OVO, LEIT, GORD AN. Para além disso, é o país com menores capitações diárias de lípidos e com maiores capitações diárias de glúcidos.

Contudo, tem evidenciado uma tendência genérica para um maior consumo aparente de produtos de origem animal que poderá, se as tendências continuarem neste sentido, sair completamente de um quadro alimentar e nutricional que, de alguma forma, e exceptuando o etanol, é dos melhores a nível da UE15.

Concluimos assim, ser essencial, em primeira instância, travar ou abrandar esta tendência e, em segunda instância, revertê-la de forma a recuperar aquilo que em tempos apresentámos como disponibilidades alimentares.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Eurodiet: Nutrition & Diet for Healthy Lifestyles in Europe – Science and Policy Implications. Eurodiet core report, 2000.
2. WHO: Food and Nutrition Action Plan 2000-2005. WHO Regional Office for Europe. Copenhagen, World Health Organization, 2000.
3. WHO: The European Health Report. WHO Regional Office for Europe. WHO Regional Publications, European Series, Nº 97, 2002.
4. WHO: The European Health Report 2005, Public Health Action for Healthier Children and Population. EURO Nonserial Publication. WHO Press, 2005.
5. Whitney E, Rolfes SR, Pinna K: Understanding Normal and Clinical Nutrition; 7ª Ed, Thomson-Wadsworth, 2006.
6. Nestle M. Mediterranean Diets – Historical and Research Overview. Am J Clin Nutr; 61 (suppl.): 1313S-20S, 1995.
7. Byrne D: Food Safety, Health and Nutrition – Emerging Issues. Speech 01/397 Geneva: Food Business Forum on Global Standards for Food Safety, 2001.
8. Gonçalves Ferreira FA. Política Alimentar e de Nutrição em Portugal. Revista do Centro de Estudos de Nutrição, Vol. 2, Nº 1, 3-28, 1978.
9. CEN – Centro de Estudos de Nutrição. Inquérito Alimentar Nacional 1980 – 1ª Parte. Revista do Centro de Estudos de Nutrição – Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge, Vol. 9, Nº 4, 1985.
10. Gonçalves Ferreira FA. Posição de Portugal em Política Alimentar e de Nutrição. Revista do Centro de Estudos de Nutrição, Vol. 3, Nº 1, 3-18, 1979.
11. CEN – Centro de Estudos de Nutrição. A Política Alimentar Portuguesa – quatro perguntas feitas pelo CEN aos responsáveis e como vê o CEN os principais problemas alimentares portugueses. Revista do Centro de Estudos de Nutrição, Vol. 1, Nº 1, 2-54, 1980.
12. Gonçalves Ferreira FA. Política Alimentar e Saúde - A Perspectiva em Portugal. Revista do Centro de Estudos de Nutrição, Vol. 5, Nº 1, 3-23, 1981.
13. Gonçalves Ferreira FA, Rego Aguiar IA. No Caminho da Política Alimentar Nacional – Comentários às “Conclusões – Recomendações” das Primeiras Jornadas sobre Saúde e Nutrição. Revista do Centro de Estudos de Nutrição, Vol. 5, Nº 2, 7-25, 1981.
14. Gonçalves Ferreira FA. Política Alimentar e Saúde – Perspectiva e Atrasos na Elaboração da Política Alimentar para a População Portuguesa. Revista do Centro de Estudos de Nutrição, Vol. 7, Nº 1, 1-29, 1983.
15. CNAN – Conselho Nacional de Alimentação e Nutrição. Contribuição para uma Política Alimentar e Nutricional em Portugal – Situação Alimentar e Nutricional Portuguesa – Recomendações do CNAN para a melhoria da situação existente, Lisboa, 1989.
16. Helsing, E. Traditional diets and disease patterns of the Mediterranean, circa 1960. Am J Clin Nutr, vol.61, Nº 6 (S), 1329S-1337S, 1995.
17. FAO. Food Balance Sheets. FAOSTAT Nutrition Data, 2003. In; <http://www.fao.org/lm500/wrap.pl?FoodBalanceSheet&Domain=FoodBalanceSheets&language=english>
18. Beyer PL: Digestão, Absorção, Transporte e Excreção de Nutrientes. In Mahan JK, Escott-Stump, S. (Ed.), Krause Alimentos, Nutrição & Dietoterapia; 10ª Edição, S. Paulo, Roca, 2002.
19. Williams SR: Nutrition and Diet Therapy, 8ª Ed., Missouri, Mosby, 1997.
20. WHO: Diet, Nutrition and the Prevention of Chronic Diseases. Report of a joint WHO/FAO Expert Consultation. WHO Technical Report Series 916, 2003.
21. Eurodiet: Policy, trade, economic, and technological aspects of improving nutrient intake and lifestyles in the European Union. Working Party 4 – Final Report, 2000.